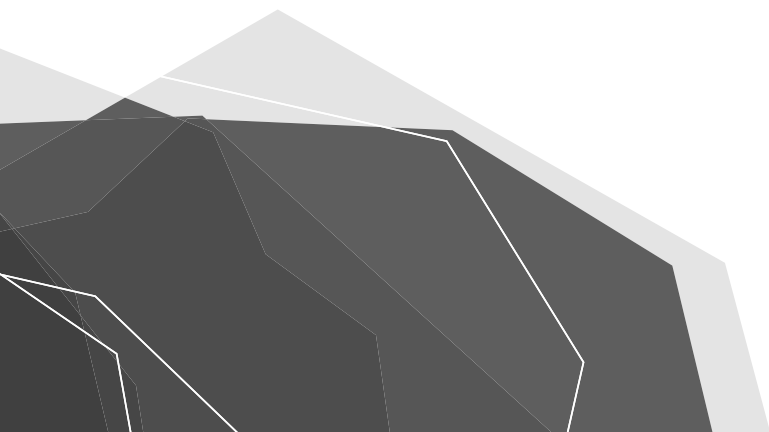


# **EN TRE VIS TA**

interview



# O PAPEL DA PSICOMETRIA NA TESTAGEM EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

THE ROLE OF PSYCHOMETRY IN THE TEST IN EDUCATION AND  
PSYCHOLOGY

EL PAPEL DE LA PSICOMETRÍA EN EL ENSAYO DE EDUCACIÓN Y  
PSICOLOGÍA

---

## **Professor Luiz Pasquali**

Professor Pesquisador Associado da Universidade de Brasília. Coordenador do Laboratório de Pesquisas em Avaliação e Medidas. Presidente do Instituto Movens, Sócio da LabPAM Saber e Tecnologia. Doutor em Psicologia pela Faculté de Psychologie et des Sciences de l'éducat Université Catholique de Louvain, Bélgica.

**Examen** – O senhor é muito conhecido entre os estudiosos, principalmente na área de psicometria, pode nos contar como foi a sua trajetória?

**Luiz** – Eu estudei em um seminário. Depois de um tempo, me mandaram para Roma, mas fiquei meio decepcionado e fui para a Bélgica, para estudar Psicologia. Escolhi essa área porque já tinha formação, aqui no Brasil, em Petrópolis, na área de Pedagogia.

Nos anos 1960, como vivia sozinho, ia para os Estados Unidos todos os anos para ganhar um dinheirinho para pagar a universidade. Trabalhei até defender a tese, em 1970. Coletei os dados para a pesquisa em Rochester, Nova York, no colégio que me ofereceram para trabalhar sobre a simbolização do conceito de Deus a partir das imagens parentais. Também fiz toda a análise lá, já que tive que trabalhar com análise fatorial. Usava computadores e, na época, anos 70, não havia computadores manuais, então trabalhava na IBM mesmo.

Da Bélgica, imigrei para os EUA e casei com uma americana, trabalhei durante três anos em faculdades e departamentos de Psicologia, perto de Kalamazoo, na região de Michigan, região muito fria. Fiquei lá quatro anos, mas eu sempre pensava em voltar para o Brasil, para trazer mais um PhD. Finalmente, surgiu a chance: a PUC de Porto Alegre me ofereceu uma vaga. Eles falaram que tinha pós-graduação, clínica especializada, mas eu atuei no reconhecimento do mestrado. Só que foi uma decepção atrás da outra e eu quis sair de lá.

Em dado momento, conheci o Luiz Hesketh, então chefe do departamento de Psicologia da UnB, que insistiu para que eu viesse para Brasília. Depois de um ano, me chamaram para a capital, em 1975. Estou aqui desde então. Me chamaram porque queriam montar um mestrado também. Havia um mestrado na área de Psicologia Social e havia uma pós-graduação sobre a teoria do behaviorismo. Então, precisavam de um pessoal para verificar no MEC a formação do mestrado. E esse foi o começo da minha história.

**Examen** – Qual a sua opinião sobre a contribuição da Psicometria para a avaliação educacional?

**Luiz** – A Psicometria existe para produzir parâmetros científicos na área da avaliação. Ela procura substituir o subjetivismo por critérios mais objetivos. Objetivar, na Psicometria, significa praticamente quantificar as coisas. A Psicometria usa um modelo matemático que introduz exatidão na conversa, para explicar o comportamento humano. Você tem uma modelagem matemática em que as coisas são mais exatas e precisas e em que o subjetivismo não tem nada a ver.

**Examen** – Nesse sentido, ela traz mais objetividade para as avaliações educacionais?

**Luiz** – Essa é a ideia: substituir a conversa, a linguagem, a semântica pelo número. O número tem muito mais precisão, ele não tem conotações. A semântica tem muitas conotações por estar

dentro de uma cultura que vem de séculos. Cada palavra tem um significado, dependendo da cabeça de quem a está usando. O número não tem um significado preciso – embora, na Psicometria, não seja o número matemático, onde o 1 é 1, o 2 é 2, mas sim um número estatístico. É um número um pouco misturado, vamos dizer assim. O 1 pode até ser 2, dentro de uma faixa. Mas, mesmo assim, a gente pode definir o tamanho desse intervalo. Aposto que não dá para definir o tamanho da semântica de uma palavra. Depende da cultura, que varia muito. Psicometria é introduzir precisão, exatidão, e, com isso, você pode modelar coisas, simular coisas. Com palavras, não dá para simular.

**Examen** – Atualmente, temos um padrão bom na adoção da psicometria nas avaliações educacionais, mas precisamos melhorar, principalmente na fase pré-prova. Como o senhor avalia esse processo?

**Luiz** – Na Psicologia, existe uma oposição bastante grande à mentalidade da psicometria. No Brasil, por exemplo, o meio da Psicologia não é a Psicometria, é a Psicanálise e essas coisas aí. Ainda assim, têm os geridos da Psicometria, que são os pedagogos. Pedagogo, realmente, não quer saber dessa conversa. Eles gostam muito de filosofia, de fundamentos – o que é importante, sim, mas fazer progredir a ciência dentro dessa área não é por aí. Psicometria é um instrumento importantíssimo para avançar um conhecimento realista, objetivo. Não é uma mágica. É um instrumento valioso para o negócio, sem que, com isso, a gente dê menos importância à teoria. A teoria é fundamental, ótima para produzir hipóteses, mas que precisa ser testada empiricamente, e ser testada empiricamente, e aí onde entra a Psicometria como instrumento de grande valia.

**Examen** – Como o senhor vê a questão de validade na área de Educação?

**Luiz** – A Psicologia trabalha com construtos, a Pedagogia também. São construtos diferentes, mas o processo de avaliar esses construtos é o mesmo. A psicometria é idêntica na Pedagogia, na Psicologia e em ciências psicossociais, de modo geral. Todo aquele que trabalha com o construto ou dentro

da visão da TRI (Teoria de Resposta ao Item) trabalha com o teta — score representado pela oitava letra do alfabeto grego —, e, portanto, precisa trabalhar Psicometria. Só que esse teta, seja pedagógico, seja psicológico, é sempre por processos mentais. Tem que usar Psicometria para tudo isso. E qual é a validade? No fundo, a validade é você verificar a correspondência, a congruência, a relevância, a relação que existe entre o comportamento e o processo mental em jogo, o teta.

**Examen** – Como as investigações de evidências de validade poderiam melhorar as medidas educacionais?

**Luiz** – No momento, nós não temos outra coisa para fazer. Precisamos trabalhar com as cinco evidências de validade. O Satepsi (Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos) não aceita um teste que tenha demonstração de evidência de validade de um só tipo. Tem que ter, pelo menos, dois tipos. Por enquanto, a demonstração considera as cinco evidências de validade. Então, como evidências circunstanciais: duas circunstâncias já fundamentam, pelo menos, um teste, e dizem que um instrumento é válido. Além da verificação da estrutura interna dos instrumentos, tem que fazer um levantamento do que está na literatura, no nosso Google, na nossa cultura científica sobre a história e desenvolver instrumentos. A validade é mais que isso. Você vê que, no fundo, nós perdemos o conceito de validade. Porque não é mais o teste que é válido, mas são as consequências e decisões de um teste que nós tomamos sobre o comportamento da pessoa. É possível prejudicar uma pessoa baseado nessa informação.

**Examen** – E a validade de construto, então, seria o quê?

**Luiz** – É, no momento, o levantamento na internet – quando falo de internet, é o consenso – dos pesquisadores da área sobre um construto. Por exemplo, ansiedade. O que é? Não existe consenso. Tem o psicanalista que pensa de um modo, o behaviorista, de outro modo, mas existe uma grande literatura sobre o tema. Então, você faz como nas teses de mestrado e doutorado: “Adão e Eva disseram isso. Outro disse isso”. No fim, você vai ter que

pôr a sua conclusão. Você, que vai construir o teste, diz “eu entendo ansiedade assim. Por quê? Porque eu acho que é assim.” A fundamentação teórica de um teste é fundamental. É preciso levantar a história sobre o construto, o que existe na literatura científica. Isso é obrigação. Se não fizer, é avacalhação, não é ciência. Fica mais fácil quando se tem uma ideia ou hipótese do que se pode fazer. Para que inventar uma hipótese nova e não levar em conta o que já existe? É preciso fazer o levantamento nem que seja para refutar a hipótese.

**Examen – Para o senhor, o que é validade?**

**Luiz** – A validade é um conjunto de comportamentos válidos, no sentido de que eu posso tirar conclusões sobre um sujeito a partir de um teste, sobre uma possível habilidade existente, o teta, se algumas considerações sobre o instrumento forem levadas em conta, como o construto e o conteúdo, eu não me torno arbitrário ao tomar decisões sobre o sujeito. Se ele me dá as garantias, então, posso tirar as conclusões e tomar decisões sobre seu comportamento. Assim, não é o instrumento que é válido, mas ele possui características que me dão certa segurança para tomar decisões justas. Validade é isso, não tem outra forma de vê-la. Não existe validade do teste, existem evidências de que esse instrumento produz informação válida. Informação séria, segura, aceitável. Isso é a validade de um instrumento.

